

Suplemento Cultural

NASCIMENTO DE JESUS E ALGUMAS REFLEXÕES PÓS-NATALINAS

GERALDO RAMON PEREIRA

A sofrida viagem, em lombo de burro, de Nazaré até Belém; Maria grávida, já no último mês; José pobre, inexperiente e sem recursos; o parto num estábulo, o berço uma manjedoura – todos esses fatos mostram sobejamente o projeto de Deus-pai para com o destino do filho Salvador dos homens: nasceria humildemente, nas mãos da parteira Zalomi, ao lado de uma fogueira e à luz de uma candeia; e não à lâmina do bisturi de um médico, sob o foco de um holofote, como soeria acontecer hoje, em meio à parafarmácia moderna.

Jesus, se seu Pai do Céu assim o quisesse, poderia, àquele tempo, ter sido concebido e nascido num palácio de Roma, filho de famosa princesa, numa cama de plumas e pedras preciosas, ser banhado em bacia de prata, depois dormir em berço de ouro.

Entretanto, quis o seu Criador, desde o princípio, que a sina do Messias, enquanto homem-Deus, se moldasse, estruturasse e fosse o exemplo de que – por mais paradoxal que pareça – a felicidade está na simplicidade, o valor está na essência das coisas menores, a riqueza habita os recônditos intangíveis dos bens imateriais... Daí, aquela noite inesquecível e maravilhosa, em que anjos revoavam sobre pastores e vaga-lumes, uma estrela misteriosa a guiar os três reis magos para onde a virgem Maria,



ALDEIA DO PAPEI NOEL no Círculo Polar Ártico, em Rovaniemi, na Lapônia – Finlândia

risonha e feliz, aconchegava e amamentava ao colo, ainda suado, o filho recém-nascido; José, o pai-homem, sorria e orava grato ao pai-Deus, pela ventura, naquele instante, comum a ambos... Todos numa simples estrebaria, entre animais tranquilos, que os velavam, nos arrabaldes pobres de Belém.

Eis que ingressamos, há pouco, no terceiro milênio. O nascimento do Deus-menino ainda continua sendo, teórica e tradicionalmente, comemorado pelos cristãos: é o sagrado e sonhado dia de Natal! E aqui vem o questionamento: homens e mulheres de hoje, na sua grande maioria, acalantarão condições morais e sociais para festejar sinceramente o aniversário do seu Salvador? Será que Cristo vê com bons olhos os “bem-sucedidos” a se fartarem com suculentas ceias, enquanto semelhantes

seus, marginalizados e esquecidos, morrem de fome e inanição pelo Continente Africano, China, Índia, América e outros confins da miséria? É justo que, enquanto uns esbanjam empáfia e poder, conforto e saúde, outros pereçam em sarjetas e “bocas de fumo”, ou agonizem em corredores de hospitais públicos, “miseros escravos, sem ar, sem luz, sem razão”?

Em vez de “estrelas” para guiarem “reis magos” que levassem alimentos e alentos para populações carentes, as grandes potências disparam bombas e mísseis que conduzem à destruição e ao dramático empobrecimento dos povos, em prol da soberania de alguns; ao invés de anjos voejantes, anunciando e festejando o nascimento de um Salvador, caças e bombardeiros grassam num céu nebuloso de destruição e horror... É o

“

Eis que ingressamos, há pouco, no terceiro milênio. O nascimento do Deus-menino ainda continua sendo, teórica e tradicionalmente, comemorado pelos cristãos: é o sagrado e sonhado dia de Natal!”

homem hodiernamente endoidecido, competitivo, egoísta, tentando disfarçar sua ingloria postura – ao longo de mais um ano que se finda – com simulada e incoerente comemoração natalina. Pois esta, ordinariamente, se resume – excetuando-se os rituais em templos, igrejas e alguns lares cristãos – à gastronomia e bebedeira, ao prazer egocêntrico de extravagantes noitadas, não raro envenenadas com drogas e sexo animal, além do consumismo desmedido e inconsequente, em que lucram entidades comerciais (méritos da profissão!), mas sai perdendo quem deveria ser o ente mais lembrado, loureado e louvado da noite: Jesus.

POESIAS

SONETO MARIANO

Ó bondosa Senhora, em harmonia e humildade, eu vos trago o meu fervor, celebrando o Natal com esplendor, louvando o vosso nome com alegria...

Soberana e Santíssima Maria, Virgem Mãe do Menino-Salvador que, em Belém, veio ao mundo pelo amor de Deus em sua grã supremacia...

Eis-me a vos suplicar a piedade deste mundo e de toda humanidade que se esvai mergulhada em perversões.

– Que o Natal e os desígnios de Jesus renasçam todo dia, em viva-luz, nos arbóres dos nossos corações!

RUBENIO MARCELO

SÚPLICA

Ó sacrossantas mãos umedecidas No sangue de quem pende do madeiro! Mãos que acenaram para o adeus à vida Na humilhação do instante derradeiro...

Pálidas mãos que agora estão pendidas Num gesto humildemente sobranceiro, Depois da extrema dor da despedida Ao filho injustiçado e justiceiro...

Tende, ainda uma vez, na humanidade E no supremo amor desta humildade, Vossa expressão de alma de mãe, tão boa.

Não permitais que eu fique arrependido Pelo estendal do mundo mau, derruído, Sem vosso santo olhar que ama e perdoa!

ALTEVIR ALENCAR

As Capivaras São Eternas

MARIA ADÉLIA MENEGAZZO

Nos últimos dias, vi de tudo um pouco. Vi pessoas comemorando o povo nas ruas, outras condenando esse mesmo povo. Li discursos conservadores com ares revolucionários, como também apelos de revolucionários que beiravam o fim de uma certa primavera. Mas sou cismada por natureza. Preciso observar para compreender. O que não elimina a possibilidade de erro. Acho, também, que não se pode viver só de acertos. O Brasil continua um gigante adormecido mesmo com uma bandeira na mão. Num país de sol somos um povo anêmico, diz o poeta, e pelo visto, não totalmente cordial. Assim, não espanta que passadas semanas a coisa toda volte ao normal. Quem saiu às ruas, saiu; quem não saiu, saísse.

Mas não podemos ignorar uma outra população que vem tomando nossa cidade, em bandos. Não apenas as ruas da universidade federal, mas também por entre os blocos das salas de aula, o Parque das Nações Indígenas, os jardins do Marco. Mantidas ilegalmente, foram soltas no Lago do amor. São roedores e como tal se multiplicam. Estão lá, talvez, para nos lembrar da necessidade de estreitar laços com a natureza? Ou (quem sabe o que lhes move?) para não deixar que as ruas da cidade sejam invadidas apenas por carros, ônibus e motocicletas,

esquecendo-se dos seres vivos?

Moro em uma região onde há trinta anos havia mata fechada, na saída para São Paulo. Aliás, alguém já disse que em Campo Grande não usamos os pontos cardeais para orientação, mas as saídas – pra Cuiabá, pra Aquidauana, pra Sidrolândia... Hoje, um canteiro de obras. As chácaras foram substituídas por casas, condomínios, torres de apartamentos. As caturritas, pragas que são, continuam por aqui, mas não se sabe até quando. O lago do clube assoreou. A antiga estrada de ferro, uma erosão. Parem a cidade que eu quero andar a pé ou de bicicleta! Mas não consigo ver calçadas ecológicas e contínuas em uma quadra sequer. Uma calçada, um monte de mato, uma calçada, um monte de lixo, uma calçada, uma calçada destruída, uma calçada, um carro estacionado na calçada...

Voltemos a elas, às capivaras que invadiram a cidade. São simpáticas, em princípio. Organizadas, só atravessam a rua em fila, mas já corri de um bando. Também não acho muito agradável ter que brincar de amarelinha, logo pela manhã, pulando os montinhos de cocô que vão deixando pelas calçadas da universidade. Além disso, são hospedeiras do carapato que transmite a febre maculosa, que pode matar. A continuar o desmatamento do entorno da cidade, logo estarão fazendo o Enem. Confesso que não sei o que se poderia ensinar a elas, mas, evidentemente, teríamos muito a aprender sobre como conviver em sociedade. Nas redes sociais, elas já fazem sucesso!

O Maracujá

HÉLIO SEREJO

Certo dia – muitos séculos já se passaram – um anjo encontrou-se com cinco estrelas radiantes e ficou admirado de tanta beleza.

Ordenou, então, em nome do Criador: – Vocês, pacificamente, descerão à terra, para que sejam transformadas em uma linda flor, que maravilhará a todos os mortais. Essa flor, pelos seus encantos, será santificada e, reinará, eternamente. Seu nome será: MARACUJÁ, isto é, aquela que fascina, deixando o cristão abobalhado, ante tanta delicadeza e perfeição. Em cada lugar, ela terá um nome e um significado.

Assim, aconteceu: as cinco estrelas chegaram à terra e, em regiões diferentes, foram recebendo os respectivos nomes: Maracujá-Peludo, assim chamado porque os pelos protegem a planta dos ventos frios do inverno; Maracujá-Mirim: é mirim, porque é menor do que os demais, sendo que seu fruto – segundo a crença geral – quando seco, bem pisado, e posto a ferver, serve para curar qualquer espécie de coceira... até sarna braba; Maracujá-Pedra: é o que nasce dentre as pedras, adquirindo, quando adulto, a cor das mesmas; Maracujá-de-Rato: assim chamado porque o rato-do-campo rói o seu barço, comendo o fruto, quando maduro; Maracujá-de-Cobra: é o fibroso, muito comum no Estado do Maranhão, tendo recebido esse nome porque os ramos retorcidos se assemelhavam com uma cobra; Maracujá-Flor-Vermelha: de beleza incomparável, o mais comum no Estado de Mato Grosso do Sul – forma caramanchões compactos e lindíssimos; Maracujá-Branco: recebeu esse nome porque fica muito mais bonito quando a flor, na lua cheia, toma a forma definitiva. É o maracujá de adoração do bugre andeje; Maracujá-Amarelo: é o que enfeitada na hora do sol se pôr. Ao começar o “cair da tarde”, ele vai ficando cada vez mais da cor de ouro, para depois sobrepular as rutilâncias dos raios solares. É conhecido, também, pelo nome de Maracujá-Ouro; Maracujá-Cascudo: é espécie muito rara, sendo extremamente sensível à ventania violenta, morrendo com as primeiras geadas, por mais fracas que sejam; Maracujá-de-Cortiça: remédio, infalível, contra dor nos rins; o chá é tomado frio, durante todo o

dia. No extremo sul de Mato Grosso, é conhecido pelo nome de miija-logo, em virtude de seu alto poder diurético; Maracujá-de-Estrada: assim denominado porque é encontrado sempre à margem das estradas; bois,cavalos, e principalmente burros, comendo o fruto de gosto saboroso, plantam-no através do esturmo, o que lhe garante um crescimento rápido; morre com rapidez incrível, com qualquer foguinho de estrada; Maracujá-Três-Pernas: o nome vem por soltar, mesmo, três pernas – barraços fortes – pouco acima do tronco. É o mesmo Maracujá-Mirim, o remédio milagroso contra qualquer tipo de coceira; Maracujá-Grande: o mesmo Maracujá-Amarelo. Das diversas variedades é a maior; Maracujá-Peroba: tem o cheiro da árvore peroba, daí o nome; folhas e galhos bem triturados, usados como chá, combatem qualquer tipo de tremura ou tremedeira; Maracujá-Pintado: vem o nome das “pintas” que o fruto contém, “pintas” estas, bem destacadas e que embelezam, sobremaneira, a ramada; Maracujá-Poranga: a ramada oferece excelente sombra o ano todo; quando se apoia em pequenas árvores para estender os seus barraços, forma um rendilhado imponente, com “curvas”, covas e “pilares”, criando uma paisagística de chamar a atenção e encher os olhos do viandante; Maracujá-Prato: também conhecido pelo nome de comida-de-bugre; pode ser assado, tal como se assa a batata-doce ou mandioca. Trata-se de uma comida somente para bucho-de-bugre, pois seu paladar é de provocar vômito nas primeiras engolidas; Maracujá-Sururuca: é o que cresce e se alonga, todo retorcido, formando um sombreado de pouco atrativo; Maracujá-Vermelho: não se trata do Maracujá-de-Flor-Vermelha; a denominação vem do seu todo, intensamente, vermelho; Maracujá-Chumbo ou Maracujá-Bugio: folhas, ramos e frutos têm cor de chumbo; o fruto cresce disforme com “calombos”, feiozão, e por último – dos que conhecemos – vem o Maracujá-de-Capoeira: onde aparece um pé, com o tempo, surgem centenas, formando uma graciosa paisagem pelo verde intenso e viço das folhas.

Mas o belo de tudo – o encantador, o empolgante é a flor... a flor que nasceu das cinco estrelas que, por ordem do anjo, desceram até a terra pacificamente...

Houve, então, a transformação. E, por ela possuir mil encantos, foi santificada e reinará eternamente...

PREITO DE GRATIDÃO DA ASL

A ACADEMIA SUL-MATO-GROSSENSE DE LETRAS deseja manifestar – neste final de 2014 – todo seu sentimento de gratidão à pessoa do saudoso acadêmico e jornalista, Prof. J. Barbosa Rodrigues, que incluiu gentilmente em seu Jornal *Correio do Estado* esta página “Suplemento Cultural”, já com quatro décadas de publicação ininterrupta, cujo objetivo precípuo – a divulgação da produção literocultural dos acadêmicos da ASL – vem sendo respeitado e preservado religiosamente por seus familiares. Que tenhamos um Ano Novo repleto de sucesso e realizações!

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras – ASL
A Diretoria

De Cabeça Baixa

ABÍLIO LEITE DE BARROS

Numa crônica, neste espaço, fiz comentários sobre uma pequena coluna da revista *Veja* que nos indica os 10 livros mais vendidos da semana. Comprei o livro mais vendido e, na outra semana, aquele autor tinha quatro livros na relação dos mais vendidos.

Debrucei-me na leitura e não cheguei ao meio do livro. Fiquei assustado ou mais exatamente assombrado com a qualidade da leitura. Trata-se de uma narrativa meio infantil que me lembrou aquelas composições que fazíamos nos primeiros anos do ginásio. Esforcei-me para entender o que atraía tantos leitores. Convenci-me que o estilo não era. O núcleo do enredo parece-me explicar: tratava-se de um romance de amor entre um aleijado sem uma perna e uma moça intubada nas narinas já condenada por um câncer. Parei longe do final.

E concluí com absoluta certeza que Clarice Lispector, Guimarães Rosa ou Raduan Nassar ou Graciliano Ramos e demais autores de ponta da nossa atual literatura, nunca estariam entre os 10 mais vendidos. Mas, estes livros que não me agradam, por certo, são também os mais vendidos no mundo. Isso me ajuda convencer-me que não é um problema de burrice nacional, ela é mundial. E se a maioria tem razão, a burrice deve ser minha. E agora lembro-me que, nessa fase de sucesso literário, tivemos aqui Paulo Coelho que pertence hoje à nossa Academia Brasileira de Letras, sem que nenhum acadêmico tenha publicamente feito a apologia literária do nosso fenômeno de venda. Devo também desconfiar de mim mesmo?

Ocorre-me, neste momento, que a aceitação entusiástica dessa literatura menor é universal e se a avaliação da maioria conta ponto, baixo a cabeça. Vou contar: certa vez, em Paris, estando hospedado num hotel do Quartier Latin, saímos, eu e a madame, a passeio em direção à Sorbone. Parávamos nas livrarias e eram muitas. Aconteceu que, de repente, muito próximo da famosa universidade, encontramos uma delas, das maiores, que tinha na vitrine da frente, em todas as prateleiras, somente livros do nosso Paulo Coelho, o nosso brasileiro famoso. Baixei a cabeça.

Agora, na última contagem da revista *Veja*, desta semana, encontro outro autor com três livros entre os 10 mais vendidos. Pelos nomes, “Cinquenta Tons de Cinza”, “Cinquenta Tons de Liberdade” e “Cinquenta Tons Mais Escuros de Cinza” devem ter uma unidade temática. Não vou repetir a experiência, não vou ler. Com isso, sinto dentro de mim um novo índice avaliador de livros: os mais vendidos, não. E, pelo risco de parecer um crítico pedante e burro, de novo abaixo a cabeça e peço desculpa.